



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

FRANCISCA MAYARA FERNANDES FORTE

**HUMOR, MÚSICA E POESIA NA NARRATIVA DE LYGIA BOJUNGA NUNES:
*uma leitura de Os colegas***

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022**

FRANCISCA MAYARA FERNANDES FORTE

**HUMOR, MÚSICA E POESIA NA NARRATIVA DE LYGIA BOJUNGA NUNES:
uma leitura de *Os colegas***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como requisito parcial para à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F737h Forte, Francisca Mayara Fernandes.
Humor, música e poesia na narrativa de Lygia Bojunga Nunes: uma leitura de Os colegas [manuscrito] / Francisca Mayara Fernandes Forte. - 2022.
45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Narrativa infantil. 2. Lygia Bojunga Nunes. 3. Humor. 4. Música. 5. Poesia. I. Título

21. ed. CDD 808.068

FRANCISCA MAYARA FERNANDES FORTE

**HUMOR, MÚSICA E POESIA NA NARRATIVA DE LYGIA BOJUNGA NUNES:
uma leitura de *Os colegas***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva.

Aprovado em: 02 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinadora - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª Ms. Aldenice Barbosa dos Santos
Examinadora Externa

**CATOLÉ DO ROCHA - PB
2022**

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria e José, por serem a minha base e por sempre estarem comigo em todos os momentos da minha vida. A vocês, todo o meu amor e carinho por tudo que fazem por mim. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pelo seu infinito amor e por todas as bênçãos a mim concebidas na realização deste trabalho, pois nos momentos que eu achava que não ia conseguir, o Senhor vinha e me iluminava, dando-me forças e coragem para seguir na realização do meu sonho.

Aos meus pais, Maria Fernandes Lira Forte e José Forte Filho, que com humildade me ensinaram a sempre seguir o caminho dos estudos. A vocês todo o meu amor e gratidão.

Aos meus irmãos Maena, Moábio, Marcelo e Mário, por toda ajuda e apoio a mim oferecidos durante essa caminhada. Essa conquista também é de vocês.

À minha avó Hilda, que sempre me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos. A senhora sempre me falou que eu conseguiria. Obrigada por sempre acreditar na realização desse sonho. Suas palavras de apoio sempre me fortaleceram.

Às minhas amigas Márcia Patrícia, Raíssa Flávia, Jordânia e Daniele, por todo apoio durante esses anos. A vocês todo meu carinho e respeito, pois sempre foram e são essenciais.

Aos meus professores, que deixaram ensinamentos valiosos para minha formação acadêmica. A vocês minha gratidão por todos os conhecimentos passados com muita maestria.

Enfim, gratidão à minha orientadora, professora Vaneide Lima Silva, por toda ajuda e paciência durante a realização deste trabalho. Você é um ser humano incrível. Obrigada por tudo, seus ensinamentos foram enriquecedores para a minha vida, tanto pessoal como profissional.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto, ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... (ABRAMOVICH, 2009, p. 17).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a narrativa *Os colegas* de Lygia Bojunga Nunes, buscando identificar de que maneira o humor, a poesia e a música, elementos presentes na obra, contribuem para a construção do lúdico na narrativa. Esperamos, desta forma, apontar a importância da leitura de narrativas na formação de leitores, sobretudo as que apresentam estes elementos, a exemplo dos livros de Bojunga, que é vista como uma das escritoras mais bem renomadas da Literatura infantil e juvenil, recebendo, inclusive, vários prêmios importantes. O trabalho crítico que procuramos elaborar se caracteriza, do ponto de vista metodológico, como de base bibliográfica, fundamentado nos estudos de Abramovich (2009); Aguiar (2001); Cunha (2003); Coelho (2000); Meireles (1984), dentre outros autores que se fizeram necessário para a realização deste estudo. O contato com *Os colegas* despertou-me a vontade de aprofundar o estudo da obra que chama a atenção pela maneira lúdica com que a autora aborda temas como a amizade, a solidariedade e a formação da identidade expostos através do ludismo da linguagem que se revela por meio do humor, da poesia e da música. Consideramos estes aspectos como fundamentais para a construção de uma literatura infanto-juvenil adequada e favorável ao desenvolvimento da criança, já que estes recursos são responsáveis por contribuir com o processo de aprendizagem dos pequenos leitores. A análise demonstra que o humor, a música e a poesia se fazem presentes na obra, constituindo em fortes ingredientes para atrair a atenção dos leitores em formação.

Palavras-chave: narrativa infantil; Lygia Bojunga Nunes; humor; música; poesia.

ABSTRACT

The present work has as main objective to analyze the narrative *Os colegas*, of Lygia Bojunga Nunes, aiming to identify how the humor, the poetry and the music, elements present in the work, contribute to the construction of the ludic in the narrative. We expect, in this way, to provide the importance of the reading of narratives in the formation of the readers, especially those that present these elements, such as Bojunga's books, who is seen as the most renowned children and youth literature writers, also receiving several important prizes. The critical work we seek to elaborate characterizes itself, from a methodological point of view, as of bibliographical basis, based in the studies of Abramovich (2009); Aguiar (2001); Cunha (2003); Coelho (2000); Meireles (1984), among other authors that were necessary for the accomplishment of this study. The contact with *Os colegas* sparked in me the interest to deepen the study of the work because of the ludic way with which it addresses its main aspects which are fundamental to the construction of an appropriate and favorable children and youth literature to the child's development, since these resources are responsible for contributing with the learning process of the young readers. The analysis demonstrates that the humor, music and poetry make themselves present in the work, constituting in strong ingredients to attract the attention of the readers in formation.

Keywords: child narrative; Lygia Bojunga Nunes; humor; music; poetry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LYGIA BOJUNGA NUNES E A NARRATIVA PARA CRIANÇAS	11
2.1 Lygia Bojunga Nunes: vida e obra.....	11
2.2 Sobre Lygia Bojunga Nunes: algumas palavras da crítica	13
3 ESPECIFICIDADES DA NARRATIVA INFANTIL E JUVENIL.....	17
4 IDENTIFICANDO A PRESENÇA DO HUMOR, DA MÚSICA E DA POESIA NA NARRATIVA OS COLEGAS.....	25
4.1 <i>Os Colegas</i> – conhecendo seu enredo	25
4.2 Sobre a presença do humor na narrativa	26
4.3 A importância da música para a construção do enredo de <i>Os Colegas</i>	33
4.4 Poesia e narrativa	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar a narrativa *Os colegas* (2021)¹, da escritora Lygia Bojunga Nunes, buscando perceber de que maneira o humor, a poesia e a música, elementos presentes na obra, contribuem para a construção do lúdico na narrativa. Inicialmente, fazemos uma leitura cuidadosa do enredo da narrativa, seguida da identificação e caracterização dos personagens principais, para, por fim, discutir de que maneira o humor, a poesia e a música se fazem presentes no enredo, sem deixar de ressaltar a importância de outros temas que se fazem presentes dentro da narrativa. Esperamos, dessa forma, apontar a importância da leitura de narrativas infantis na formação de leitores, sobretudo as que apresentam estes elementos.

O interesse pela obra de Bojunga surgiu a partir da leitura realizada do livro *Os Colegas*, quando cursava a disciplina Literatura Infanto-Juvenil, ainda no Curso de Letras. A narrativa chama a atenção pela linguagem simples e ao mesmo tempo poética, aspecto que despertou nosso interesse e desejo de aprofundar sua leitura, nos motivando, assim, a realização desse estudo. O ludismo presente na obra tende a atrair não apenas ao leitor em formação, mas a todos aqueles que buscam uma leitura marcada pela música e por uma postura cômica muito marcante em toda a obra da escritora. A maneira com que a música e a poesia compõem no texto diverte o leitor, provocando a sua adesão ao livro.

Trata-se de uma leitura divertida e prazerosa, tornando-se, desse modo, indispensável no contexto da sala de aula. O jeito que a autora brinca com as palavras, a imaginação, as situações imprevisíveis, o humor, a poesia e a musicalidade, tudo isso vem encantar o leitor, fazendo com que ele se divirta com a história que está sendo lida.

Lygia Bojunga é autora de destaque no contexto da literatura infantil e juvenil e possui um imenso reconhecimento por todas as suas obras, pois já teve vários de seus livros traduzidos para outros países e recebeu inúmeros prêmios literários, inclusive o “Hans Christian Andersen”, considerado o nobel da Literatura Infantil, conforme mostraremos ao historicizar sua biografia mais adiante.

¹ Para a realização deste trabalho foi utilizada a edição 2021, publicada pela Editora Casa Lygia Bojunga Nunes – Rio de Janeiro.

O trabalho crítico que procuramos elaborar se caracteriza, do ponto de vista metodológico, como de base bibliográfica. Segundo Vergara (2006, p. 48), “a pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível, ao público em geral”. Para a construção deste estudo, realizamos leituras de artigos científicos e fichamento de textos teóricos e críticos. Portanto, foram fundamentais as leituras de autores como Coelho (2000); Abramovich (2009); Cunha (2003); Zilberman (2003); Aguiar (2001); Meireles (1984), entre outros que trouxeram contribuições favoráveis para a realização desse trabalho.

Em relação a sua estrutura, o trabalho aparece organizado da seguinte maneira: no primeiro momento, objetivamos traçar um rápido perfil de Lygia Bojunga Nunes. Elaboramos, desse modo, uma apresentação da vida e da obra da autora, destacando questões que consideramos centrais para a sua carreira. No segundo momento, procuramos apontar alguns elementos indispensáveis a uma narrativa que interessa a crianças e jovens leitores em formação, para, num terceiro momento, analisar a narrativa *Os colegas*, a partir do seu enredo e do apontamento da importância do humor, da poesia e da música para a composição textual desta narrativa. Por último, temos as considerações finais, onde apresentamos os resultados alcançados com esta análise.

Esperamos que esta pesquisa possa estimular a curiosidade dos professores em conhecer e trabalhar as obras de Lygia Bojunga Nunes em sala de aula e mostrar a sua importância, uma vez que a autora costuma abordar temas do interesse de crianças e jovens por meio de uma linguagem leve e simples. Também consideramos importante divulgar a obra da autora na comunidade acadêmica através de estudos como este.

2 LYGIA BOJUNGA NUNES E A NARRATIVA PARA CRIANÇAS

Este tópico objetiva traçar um perfil de Lygia Bojunga Nunes, fazendo uma rápida apresentação da vida e da obra da autora e, num segundo momento, levantar alguns estudos que apontem a importância da obra da escritora no contexto da produção literária infantil e juvenil brasileira.

2.1 Lygia Bojunga Nunes: vida e obra

Em estudo recente sobre a obra de Lygia Bojunga Nunes, Oliveira (2019) faz uma rápida apresentação da autora e informa que ela nasceu no dia 26 de agosto de 1932, na cidade de Pelotas, no Rio Grande Do Sul. A escritora passou uma boa parte da sua infância vivendo na zona rural, porém, ainda criança, passou a morar no Rio de Janeiro, acompanhada de seus familiares. Anos depois passa a integrar o grupo de teatro “Os artistas Unidos”, com o qual viajou pelo interior do Brasil. Tal experiência consistiu numa de suas grandes paixões e acabou contribuindo para a construção de sua carreira enquanto escritora de Literatura infantil e juvenil. Bojunga também chegou a trabalhar como atriz de rádio e ainda participava de programas de televisão. Seu envolvimento com artistas diversificados a colocava em contato direto com o mundo da arte, resultando daí o fato de seus livros apresentarem uma mistura de gêneros muito rica que acaba favorecendo seu público leitor.

Com base no estudo de Cristóvão (2009), Oliveira (2019) informa também que durante as viagens empreendidas enquanto atuava nesse grupo de teatro, Bojunga acaba se dando conta do índice de analfabetismo no país e resolve criar junto com o seu esposo uma escola que administrou durante cinco anos, com o intuito de ajudar as crianças carentes que não tinham a oportunidade de irem até a escola. Essa iniciativa evidencia a sensibilidade da autora e o seu engajamento social, além de demonstrar sua crença na força transformadora da educação.

Oliveira (2019) destaca que no ano de 1972 Bojunga envereda, como escritora, no universo da Literatura, publicando seu primeiro livro, *Os colegas*, uma fábula que descreve a história de cinco animais que objetivam a liberdade, por isso, o laço de proximidade que constroem entre si. Essa narrativa foi premiada com prêmios nacionais e internacionais. A respeito dessa narrativa de Bojunga, declara Oliveira (2019):

Assim como verificamos na maioria das obras de Nunes, em *Os colegas* a presença de elementos como a fantasia e o humor são recorrentes. A autora parte da criação de uma realidade a partir da qual dialoga com a fantasia, possibilitando, com base nessa dualidade, uma reflexão nos leitores. Tal reflexão se dá quase sempre sobre os problemas enfrentados na infância, tema representado em seus livros através da recriação de seus medos, ansiedades, sonhos, enfim, dos problemas que atingem a infância e a adolescência em geral. A autora valoriza a imaginação e o ludismo com os quais as crianças se identificam, ficando evidente, a preocupação da escritora em criar uma arte literária que interesse e aguçe a imaginação deste público (OLIVEIRA, 2019, p. 16).

Depois desse seu primeiro lançamento, que fez muito sucesso, Bojunga conquistou de vez o universo literário e o público no geral e a partir daí a escritora não parou mais e escreveu várias outras obras de grande importância como *Tchau* (1974), *Angélica* (1975), *Seis vezes Lucas* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *O meu amigo pintor* (1978), *Corda bamba* (1979), *Sofá estampado* (1980), dentre muitas outras (OLIVEIRA, 2019, p. 16-17). Sobre a escrita dessas obras, Hoki e Fernandes (2015) declaram:

Por meio de sua escrita, a autora busca denunciar a sociedade sem privar as crianças da realidade. Com uma linguagem peculiar, ela mistura fantasia e veracidade, trata de assuntos sérios, tais como: o abandono infantil, as inseguranças que permeiam o mundo infanto-juvenil, a exploração das crianças, a pedofilia, o não reconhecimento da capacidade inventiva e criativa dos pequenos, entre outros temas que dão vida aos seus personagens, sempre autênticos (HOKI; FERNANDES, 2015 apud OLIVEIRA, 2019, p. 17).

Dez anos depois da publicação de seu primeiro livro, a autora conquista, pelo conjunto de sua obra, o prêmio considerado “Nobel” da literatura infantil, o Hans Christian Andersen, em 1982, premiação oferecida pela International Board on Book for young people filiada a UNESCO. Ainda é importante ressaltar que a escritora foi a primeira mulher brasileira a escrever para crianças a receber essa premiação.

Ainda neste mesmo ano, a escritora decidiu ir morar na Inglaterra, na companhia de seu esposo Peter, mas mesmo morando em outro país, Lygia continuava vindo ao Brasil com frequência e produzindo suas obras. Sua carreira se renova quando, em 1996, decidiu publicar um livro produzido a partir de papel reciclado e fotocopiado, como podemos notar através de seu título *Feito a Mão*, que teve como intuito inovar o mundo da construção industrial. Passado um período, Bojunga resolve publicar *Retratos de Carolina*, sua primeira obra a ser publicada pela editora que ela mesma monta: A casa Lygia Bojunga, em 2002, demonstrando sempre

inovar e, conseqüentemente, trazer novidades ao mundo da literatura. Lygia Bojunga Nunes se apresenta como uma das grandes escritoras da Literatura Infanto-juvenil pela sua capacidade de escrever em uma linguagem clara, valorizando as figuras de linguagem como a riqueza das metáforas que atraem e conquistam o público leitor, sejam crianças ou adolescentes, construindo um elo entre o real e o imaginário, o social e o individual.

2.2 Sobre Lygia Bojunga Nunes: algumas palavras da crítica

Lygia Bojunga Nunes se destaca no cenário da literatura infanto-juvenil brasileira pela capacidade que tem de equilibrar a realidade com a imaginação em suas obras, pelo fato de criar ficções que provocam nas crianças o encontro com situações do cotidiano, o que possibilita a identificação do leitor com sua experiência de vida, sem deixar de aguçar a imaginação dos leitores em formação. A autora cria, assim, uma narrativa literária que, ao mesmo tempo que se volta para a realidade, não abre mão do universo fantástico, abordando temas e questões do interesse da infância.

A escritora iniciou a sua carreira quando ainda no Brasil prevalecia a ditadura. Nessa época, de acordo com Cristóvão (2009), Bojunga foi uma grande ativista da resistência. Esta luta surgiu e depois ultrapassou para o domínio da literatura infantil, uma vez que, segundo a escritora, os generais não tinham interesse e não liam livros que eram destinados a crianças e adolescentes. Nas narrativas da autora podemos encontrar personagens maravilhosas que se insurgem contra a desigualdade entre os sexos e também contra a qualquer diferença social. No entanto, ainda segundo Cristóvão (2009), a autora nunca utiliza um discurso de advertência, em razão de que o importante é a tomada de consciência e esta será sempre feita de uma forma “maravilhosamente” bem humorada.

A leitura de algumas narrativas de Bojunga nos possibilita afirmar que suas obras são marcadas por uma forte influência entre realidade e fantasia, na medida em que a autora faz uso de metáforas criativas, executa com seu domínio a técnica na construção da narrativa e a capacidade que tem de unir o individual com o social. Surge, a partir daí, uma narrativa de feição crítica, sem abrir mão do ludismo que tanto interessa ao público infantil. Ainda de acordo com Cristóvão (2009), os livros de Bojunga trazem a inovação na crítica lúdica, abordando a realidade social com o

propósito de apresentar ao leitor que a vida não está pré-ordenada. Nesta perspectiva, podemos dizer que a literatura infanto juvenil assume o papel de encantar e incentivar os leitores no geral, fazendo com que a sua imaginação seja aguçada durante o processo de leitura.

Desse modo, concordamos com Cosson (2006), quando afirma que a leitura literária deve incentivar a criatividade e provocar a reflexão, contribuindo, assim, para a desinformação social, e, conseqüentemente, formando o leitor crítico. Isto, obviamente, só ocorre, quando estamos diante de obras que proporcionam a pluralidade de interpretações, como é o caso das narrativas de Bojunga, por exemplo.

Em relação a esta necessidade de a obra prender a atenção do leitor, vale lembrar o que diz Cristófano (2009), ao citar Bettelheim (2006), ressaltando o seguinte: para que uma história possa verdadeiramente prender a atenção do jovem leitor e para também lhe enriquecer a sua personalidade, tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizadas às suas angústias e as suas aspirações. A autora propõe esse novo sentido para a realidade de suas narrativas e isso se dá através da utilização de uma metalinguagem que enfatiza a construção de seus personagens.

Lygia Bojunga possui o reconhecimento da crítica na área da literatura infanto juvenil, sendo considerada uma das melhores escritoras. Aliás, é importante ressaltar que sua obra sempre teve uma boa recepção tanto pelos leitores juvenis quanto pela crítica. Por este motivo a escritora é vista como uma das mais representativas autoras da literatura infanto juvenil e suas obras sempre foram vistas como objeto de destaque no Brasil como também em outros países, conforme Cristófano (2009), destaca ao trazer algumas citações: “[...] Lygia Bojunga é uma autora maior em nossa literatura infanto-juvenil. Seus livros sempre se destacaram no cenário nacional” (ABRAMOVICH, 2009 apud CRISTÓFANO, 2009, p. 12); “[...] há muito tempo Lygia Bojunga vem rompendo o limite entre literatura infanto-juvenil e literatura tout-court. Quem não percebeu isso está perdendo contato com uma das grandes artistas da palavra” (MACHADO, 2009 apud CRISTÓFANO, 2009, p. 12); “[...] Se há alguém na nossa literatura infanto-juvenil que dispensa apresentação, esse alguém é Lygia Bojunga, sem favor a mais alta expressão no gênero no Brasil” (BELINKY, 2009 apud CRISTÓFANO, 2009, p. 12).

As narrativas de Bojunga, como já afirmamos, são repletas de fantasias, aspecto, que ao nosso ver, contribuem para o ludismo de suas narrativas. A respeito

deste elemento, vale a pena lembrar o que afirma Held (1980, p. 53). Segundo esta crítica, as narrativas devem “dar à criança o gosto pelo conto e alimentá-la com narrações fantásticas, se escolhidas com discernimento, é acelerar essa maturação com manipulação flexível e lúdica da realidade real-imaginário”. A partir dessa afirmação, notamos como a Literatura infantil é de grande importância à criança, pois a partir dela o pequeno leitor pode descobrir um mundo fascinante de possibilidades que vai ajudar no seu desenvolvimento.

A escritora possui uma linguagem própria, inovadora, simples e direta, trazendo assim para o universo infantil uma nova maneira de se fazer literatura e que conseqüentemente toca em temáticas delicadas que dialogam tanto com interesses dos adultos como também das crianças, permitindo assim várias abordagens críticas. O estudo com a linguagem é de suma importância no texto literário infantil, visto que pode proporcionar à criança viajar em um mundo imaginário, ou seja, um mundo mágico por meio das palavras. Portanto, a linguagem faz com que a leitura aconteça de uma maneira mais fluida, leve, fazendo com que o leitor leia com interesse essas obras, pois as mesmas cativam a atenção de seus leitores.

Sendo assim, observemos o que Souza (2011) afirma em relação a linguagem literária:

A linguagem literária é caracterizada por sua plurissignificação. Termos e expressões são utilizados muitas vezes com sentidos diferentes daqueles que lhes são atribuídos comumente. Por isso, as palavras no texto literário têm o poder de nos envolver e transportar para um lugar que não é só imaginário, mas também é real. É real porque se pode viver um momento inigualável, mesmo que este seja fruto do imaginar, do sentir, do fluir, de aprender ou do sonhar (SOUZA, 2011, p. 152).

Partindo desta definição do “fazer” literário, podemos dizer que este “fazer” se evidencia na narrativa de Bojunga através da capacidade de fazer relação das palavras com as coisas, ressaltando desta forma o poder que a linguagem possui em transformar a realidade atual.

É importante ressaltar que nas narrativas de Bojunga, os conteúdos também abordados nos remetem muito para o universo infantil. Desta forma, verificamos que suas obras costumam partir de determinada fantasia para discutir questões sociais ligadas ao universo das crianças, chegando a abordar, inclusive, temas do universo adulto. É o que observa Cademartori (2006):

O mundo ficcional de Lygia Bojunga se arma a partir da infância, mas atinge temas adultos como as relações de poder e a repressão à liberdade de expressão no contexto social. Propiciando ao pequeno leitor a identificação com situações que afetam as personagens infantis e que, por encontrarem eco nas vivências da criança que lê, permitem adesão ao mundo ficcional [...] (CADEMARTORI, 2006, p. 64).

Outro aspecto que merece destaque em sua obra diz respeito ao fato de que seus personagens animais abordados em várias de suas narrativas se comportam como seres humanos, indício do caráter fantasioso que predomina em seus textos. As experiências humanas vivenciadas pelos animais nos conduzem a uma reflexão sobre o comportamento humano, como é o caso da narrativa *Os colegas*, que discute a valorização da amizade e o poder de empatia em relação ao outro.

Partindo dessa perspectiva, podemos afirmar que o caráter fabular que o texto assume põe em destaque a maneira fantasiosa com que a autora parte para discutir valores humanos e retratar experiências humanas significativas. Esse perfil de narrativa tende a se fazer importante no repertório de leitura de crianças e jovens leitores, favorecendo o lúdico em sala de aula. Vejamos a seguir que outros elementos se fazem necessários a uma narrativa que atrai esse público leitor.

3 ESPECIFICIDADES DA NARRATIVA INFANTIL E JUVENIL

O propósito deste tópico é apontar, com base em autores que discutem a narrativa voltada para o público infantil e juvenil, alguns dos elementos considerados indispensáveis para atrair o interesse desses leitores em formação. Partiremos, inicialmente, da definição da narrativa e em seguida elencamos alguns desses elementos.

De acordo com Cunha (2003), a história da literatura infantil ainda se resume a um número bem pequeno de capítulos. O seu surgimento começou a manifestar-se no início do século XVIII, período em que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, pois se nota que a criança possui necessidades e características próprias, segundo o que deveria afastar-se da vida dos mais velhos e assim pudesse receber uma educação especial, numa espécie de preparação para a vida.

Ainda de acordo com Cunha (2003), antes de existir uma literatura própria, destinada apenas ao público infantil, a criança acompanhava a vida social do adulto, desse modo, as crianças frequentavam os mesmos ambientes do adulto, até mesmo a escola e também nesse tempo só existiam duas realidades muito distintas nesse contexto: a primeira era destinada à criança da nobreza, orientada por preceptores, em que estas liam no geral os grandes clássicos, enquanto que a segunda era destinada às crianças da classe desprivilegiadas, as quais liam ou ouviam as histórias de cavalarias, de aventuras, conforme coloca Zilberman (2003):

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

A valorização da infância, por sua vez, contribui decisivamente para que surja uma literatura voltada para essa fase da vida. Associada com os princípios da escola, surge uma literatura que inicialmente demonstra forte ligação com a pedagogia, conforme aponta Cunha (2003). Segundo a autora, a literatura infantil surge com o progresso da burguesia, ficando assim evidenciada por uma estreita ligação que existia com a pedagogia, que era como se via em toda a Europa, assim a sua

importância se dava através dos grandes educadores da época. As intenções desta nova literatura eram sobretudo formativas, informativas ou até mesmo enciclopédicas.

A Literatura para crianças só chega no Brasil mais tarde, inicialmente só ocorre após a implantação da Imprensa Régia, em 1808, exclusivamente com a chegada de D. Pedro VI no país. Nesse tempo as obras que existiam eram apenas as traduções das obras que vinham de Portugal. Um dos primeiros autores da época a fazer adaptações de obras infantis foi Alberto Figueiredo Pimentel, que ficou conhecido pela introdução dos contos europeus no Brasil. O escritor ainda publicou traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm, como também de Andersen, em obras como **histórias da carochinha, histórias da avozinhas**, entre tantas outras. A respeito desse caráter introdutório da Literatura Infantil no Brasil, Cunha (2003, p. 25) afirma: “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e sobretudo adaptações de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”.

Vale destacar que a literatura infantil brasileira só tem início mesmo por volta de 1922, quando o escritor brasileiro Monteiro Lobato cria o seu primeiro registro de literatura infantil com a obra *A menina do narizinho arrebitado*. O autor chegou neste universo de literatura infantil revolucionando com a realidade daquela época, já que procurou superar preconceitos históricos, ignorar o moralismo e preconceitos religiosos, algo que era tão visto em obras que eram destinadas a crianças. Lobato é considerado um pioneiro da literatura infantil e se destaca por criar obras em que o universo infantil aparece genuinamente bem representado.

Segundo Coelho (2000, p. 138), “foi Monteiro Lobato que, entre nós, abriu caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem também a infantil”. Lobato acreditava que a literatura infantil deveria apresentar uma linguagem meramente própria, ou seja, não podia ser simplória e nem moralizante, por isso que seus textos eram repletos de fantasia, humor, ironia e muitas críticas, muitas delas até hoje não foram entendidas. (COELHO, 2000).

Seguindo a esteira de Lobato, surgem muitos escritores identificados com o público infantil, sobretudo a partir da década de 60, depois da publicação de livros como *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles. A própria Cunha (2003), quando publica seu primeiro estudo voltado para obras da Literatura Infantil, reconhece que há um *boom* nessa produção sobretudo nos anos 70. Atualmente, podemos afirmar que

existe uma boa literatura endereçada a crianças e jovens, diversificada quanto ao número de autores e variada quanto a temas e formas. Inserida no contexto escolar, essa Literatura tende a estimular a aprendizagem do público infanto-juvenil, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da autonomia dos leitores em formação como também da criatividade, na medida em que aguça a imaginação e favorece o amadurecimento de suas emoções. Nessa perspectiva, a leitura de obras literárias em sala de aula se faz necessária e urgente. Mas, vale destacar, não qualquer obra e sim aquela de valor artístico, afinal, conforme lembra Coelho (2000, p. 27): “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte [...]”.

No que se refere especificamente a narrativa infantil, Cunha (2003) orienta que:

A narrativa para crianças precisa possuir elementos que possa estimular a atenção do pequeno leitor, ou seja, a criança interessa-se naturalmente por obras onde a todo momento possa aparecer fatos novos e interessantes, em que sejam cheios de peripécias e situações imprevistas, para que assim, possa movimentar o espírito infantil das crianças (CUNHA, 2003, p. 27).

Realmente, as crianças tendem a se agradar de histórias marcadas por aventuras, cheias de dinamismo e movimentação. Nesta perspectiva, Cunha (2003) lembra Lobato, para quem as narrativas precisam correr a galope, sem nenhum efeito literário. O escritor chama a atenção para a simplicidade da linguagem que deve marcar as narrativas e, por extensão, as obras literárias infantis, sem esquecer o que Aguiar (2001) afirma sobre o que é a Literatura Infantil, que são as histórias e os poemas que ao longo dos tempos, seduzem e cativam a crianças.

Seguindo essa direção, vale a pena lembrar a afirmação de Meireles (1984, p. 20) “literatura infantil é tudo o que escrevemos para a criança e que ela lê com utilidade e prazer”. Visto que o gosto e a preferência do leitor infantil por esta ou aquela obra serve para delimitar o conceito de literatura infantil e para afirmar a qualidade do texto. A partir deste posicionamento podemos perceber que o universo da Literatura infantil é muito abrangente e apropriado ao seu contexto.

Neste sentido, as obras que são destinadas as crianças só precisam trazer aspectos que venha provocar e cativar a atenção dos pequenos leitores, enquanto seres que estão no processo de aprendizagem. Sendo assim, a ilustração é um elemento a ser considerado em obras voltadas para o público infantil, sobretudo as que dialogam com o texto escrito, acrescentando assim sentido ao texto.

Aguiar (2001) declara o seguinte sobre este aspecto:

Do ponto de vista material, o livro deve cativar o leitor por sua aparência, uma vez que o contato físico é o primeiro que acontece e já vem carregado de sentidos, apoiado nas primeiras impressões que desperta. Quanto menor o leitor, maiores são as letras, e mais espaço é dado à ilustração (AGUIAR, 2001, p. 64).

Portanto, entendemos que nos livros que são destinados às crianças é fundamental a presença das ilustrações, uma vez que elas chamam a atenção de imediato dos pequenos leitores, pois quando a criança toca em um livro pela primeira vez o desenho que vem acompanhado em sua capa tem o papel de cativar a atenção da criança na realização daquela leitura. E é por este motivo que o ilustrador, como autor, deve-se colocar ao lado da criança, criando assim ilustrações que façam sentido à realidade delas.

Vale destacar ainda que o texto infantil precisa chegar próximo a realidade da criança, pois isto facilita a organização das experiências do indivíduo. Partindo deste princípio, Aguiar (2001) nos lembra que a Literatura infantil trabalha bastante com o pensamento do real e que este é um dos fatores que pode conceber ao pequeno leitor a oportunidade de desdobramento de suas habilidades efetivas e intelectuais, desde que sejam bem-adaptada às condições da criança.

Quando se refere às condições da criança, Aguiar (2001) nos remete para a imaginação como um dos elementos caracterizadores da infância e reforça a necessidade de apresentar a criança uma obra que recorra a presença de elementos mágicos, observe:

A presença de elementos mágicos e o recurso à fantasia têm sido procedimentos recorrentes na literatura infantil para conquistar o leitor. Assinalamos que tal uso remonta aos contos de fada e encontra-se vivo nas mais variadas produções para a criança na atualidade. [...] a fantasia continua sendo um ingrediente preciso na sedução do leitor (AGUIAR, 2001, p. 77).

Assim, compreendemos que quando se trata desta especificidade, a fantasia tem o poder de cativar a criança de uma maneira muito significativa, pois esse elemento possui uma enorme contribuição no desenvolvimento da criança enquanto ser que está no processo de aprendizagens, razão pela qual os contos de fadas costumam atrair tanto esse público. Refletindo especificamente sobre este aspecto, Bettelheim (1978 apud AGUIAR, 2001, p. 77) salienta que “os contos de fadas incentivam a criança a desenvolver a imaginação e organizam a realidade através da fantasia”. Este universo de contos de fada é muito presente desde muito cedo na vida

da criança. Segundo o que diz Aguiar (2001, p. 80): “A magia e o encanto que os contos de fadas transmitem até hoje estão no fato de que eles não falam à vida real, mas à vida como ela ainda pode ser vivida, apresentando situações humanas possíveis e imagináveis”.

Embora Aguiar (2001), ao retomar Bettelheim (1978), esteja se referindo aos contos de fadas, não nos esqueçamos de que os acontecimentos narrados através da fantasia, a exemplo da criação de um enredo construído exclusivamente com animais, como é o caso de *Os colegas*, nos põe em contato com o universo efabular e fantasioso da criação de Bojunga. E, por essa razão, se torna acessível ao entendimento da criança. A fantasia da narrativa traz consigo características de seu pensamento mágico, pois a criança enxerga tudo de uma maneira maravilhosa, ou seja, o maravilhoso consegue despertar a atenção da criança porque ela ainda não possui a capacidade de lidar com a realidade de modo racional. Conseqüentemente, a criança usa muito da imaginação para tentar compreender tudo o que acontece a sua volta, conforme explica Sosa (1978):

A imaginação é um aspecto essencial da mente da criança, e é através dela que sua consciência elabora, num primeiro momento, os dados da realidade circundante: imaginando, o leitor forma novas combinações, joga com objetos e pessoas, faz transferências de características, cria situações e explica o mundo ao sabor de sua mente fantasiosa (SOSA, 1978 apud AGUIAR, 2001, p. 83).

Nesta perspectiva, retomamos Aguiar (2001, p. 83) quando afirma que “o uso da fantasia na literatura infantil é mais um recurso de adequação do texto ao leitor [...] já que a criança compreende a vida pelo viés do imaginário”. Sendo assim, continua a afirmar a autora:

[...] As histórias de fadas, de animais, de seres da natureza e de objetos atraem a criança pequena nos seus primeiros contatos com a literatura, uma vez que alimenta a sua mente fantasiosa e sua tendência ao animismo (AGUIAR, 2001, p. 101).

Portanto, entendemos como é fundamental o uso destes elementos nos livros infantis, pois é através deles que a criança consegue compreender toda a narrativa, porque como é algo que está relacionado com a sua realidade, torna-se mais fácil para o entendimento da criança.

Partindo dessa ideia de adequação do texto ao leitor, Aguiar (2001) apresenta seis tipos de narrativas que são oferecidas as crianças, as quais são: mitos, lendas, fábulas, apólogos, contos e novelas. As diferenças existentes entre as narrativas se dão pela forma como cada uma delas são produzidas, ou seja, de que modo as ações presentes nestas narrativas são narradas. Segundo a autora, os **mitos** são relatos criados pelos homens para explicar fatos e fenômenos referentes à origem e à evolução do universo. Neles notamos muito a mistura de dados da realidade com a fantasia.

As **lendas** têm uma semelhança muito parecida com as dos mitos, pois também são formas que o homem encontrou para explicar aquilo que não entende, ou seja, os fatos naturais que desconhece. Aguiar (2001) afirma que as lendas se caracterizam por mostrar uma infinidade de seres sobrenaturais e por conterem um final maravilhoso, sendo as mesmas ainda marcadas por um profundo sentido de fatalidade, de poder do destino e herança de sua origem nas sociedades primitivas.

As **fábulas** são histórias de animais personificados, ou seja, animais que agem como seres humanos, mas que mantêm qualidades e ações em relação as suas características naturais, enquanto que os **apólogos** são histórias de objetos personificados que têm como intuito trazer uma instrução, um princípio moral ou uma norma social, de maneira bem sintética.

Já os **contos** são narrativas que podem envolver fatos que foram ocorridos num passado indefinido, consagrado na fórmula *era uma vez* como muitos iniciam, mas que podem também abordar situações mais atuais, valendo-se ou não da fantasia. Os contos são obras consideradas fechadas. Por fim, as **novelas** trazem uma estrutura que é remanescente dos contos tradicionais, com assunto, argumento, tema, caracterização das personagens, sucessão de ações e deslance final. Nas novelas é mantida a importância do protagonista, que é quem desenvolve as suas ações numa sequência linear de tempo, porque há um princípio, um meio e um fim ordenado.

Outro critério que a Aguiar (2001) considera importante quanto à classificação das narrativas infantis diz respeito às suas temáticas. Estas precisam estar de acordo com o nível de compreensão e os interesses do leitor infantil. Sendo assim, aponta a crítica que os problemas do dia-a-dia vivenciados pela criança costumam e precisam ser recorrentes nas narrativas, assim como as aventuras, com seus desafios e descobertas, os sentimentos infantis, a exemplo do medo, da insegurança e das

curiosidades, bem como as relações familiares que envolvem os conflitos que as crianças precisam resolver.

Ainda no que respeita aos temas presentes nas narrativas infantis, Aguiar (2001) faz referência aos livros cujos temas estão relacionados as questões históricas, sociais e ambientais em que os autores abordam desde fatos reais, a exemplo do racismo, preconceitos em geral e passando pela questão da ecologia. A autora também aponta as histórias de ficção como um tema bastante atraente para público jovem, pois são muitas as histórias que envolvem a polícia em enredos de ficção científica, as quais tomam como foco principal um crime a ser desvendado. Por fim, Aguiar (2001) afirma que os temas relacionados a religiosidade também são bem aceitos e costumam ter significância pelo público infantil.

O último critério utilizado para identificar as obras infantis está associado ao efeito que as narrativas causam no leitor, em que poder ser, entre outros aspectos, de suspense, humor, terror ou lírico. Na narrativa cujo elemento proposto é o suspense, o leitor é envolvido em aventuras e enigmas que precisam serem solucionados. Já as narrativas que provocam o efeito de humor o fazem de situações inusitadas e divertidas, que brincam com fatos da realidade geralmente exagerados ao absurdo. Por fim, as narrativas cujo efeito é o terror costumam satisfazer ao público infantil, pois envolve o medo e o susto, os quais têm o poder de mexer bastante com a imaginação do leitor. Já o efeito lírico provoca o leitor a refletir sobre todos os mistérios que cercam a sua existência. Essas são obras que tem como ponto principal a provocação das emoções das crianças, motivando o despertar da sua sensibilidade.

Diante de todos esses elementos que compõem as obras infantis, entendemos como são fundamentais para que as crianças tenham sempre motivos e interesses pela leitura de obras tão significativas que só vão agregar a sua aprendizagem e ao seu desenvolvimento enquanto ser humano e ser social. Seguindo na esteira de Aguiar (2001), ressaltamos que as obras infantis que costumam contribuir para a formação do desenvolvimento infantil são aquelas vistas pela autora como emancipatórias, diferentemente das pedagógicas. Observe:

São pedagógicas aquelas que têm como objetivo maior ensinar algo ou mobilizar a criança para um determinado comportamento. Já as narrativas emancipatórias alimentam a criatividade, a curiosidade e a fantasia do leitor, propondo-lhe diferentes perspectivas sobre a realidade e o mundo que o circunda (AGUIAR, 2001, p. 106).

Seguindo essa perspectiva, consideramos que as narrativas emancipatórias têm a capacidade de tocar em aspectos que são do interesse da criança enquanto leitora, ou seja, são aquelas que cativam o olhar da criança de forma mágica, fazendo assim com que elementos essenciais da infância sejam descobertos como é o caso da fantasia, a qual deve estar relacionada ou deve partir da realidade da criança. Conforme já afirmamos, a fantasia presente em obras destinadas aos pequenos é de fundamental importância, pois dialoga com sua imaginação, despertando a criatividade e o sonho.

4 IDENTIFICANDO A PRESENÇA DO HUMOR, DA MÚSICA E DA POESIA NA NARRATIVA OS COLEGAS

Esse momento do trabalho é dedicado ao estudo analítico da narrativa *Os Colegas*. Descreveremos rapidamente seu enredo e em seguida apontaremos a presença do humor, da música e da poesia, sem deixar de ressaltar a importância desses recursos de linguagem para o despertar do interesse dos leitores em formação.

4.1 *Os Colegas* – conhecendo seu enredo

O livro *Os colegas*, de Lygia Bojunga Nunes, conta a história de dois cachorros chamados Virinha e Latinha, que se conhecem na rua e que começam uma briga por causa de um osso, mas esse desentendimento dura pouco tempo, tanto é que acabam esquecendo o osso e começam a conversar um com o outro sobre suas vidas e porque vieram parar ali naquele local, tendo eles muitas coisas incomum. Depois de muita conversa, resolvem que um vai servir de companhia para o outro e é assim que surge uma grande amizade entre os dois.

O enredo gira em torno desses dois amigos que mais tarde encontram Flor-de-lis, uma cachorrinha de raça que fugiu de sua dona, porque a mesma enchia ela de perfumes, roupas e bijuterias e isso a incomodava muito, pois ela queria viver como uma cachorra normal, sem precisar usar tantos objetos, queria ser livre do jeito que ela era.

Depois de contar tudo isso aos seus novos amigos, Flor-de-lis decide que é com eles que ela queria ficar. Em um outro dia, quando tentavam se esconder de uma grande chuva, se depararam com um grande urso que se apresentou como Voz de Cristal. Os mesmos ficaram numa curiosidade enorme para saber o que o urso estava fazendo ali no meio de uma tempestade e ele com uma voz fininha falou que fugiu do zoológico, pois já estava cansado de viver lá e queria conhecer o mundo lá fora. Os amigos, empolgados com a história, resolvem perguntar se ele não topava conhecer o mundo com eles e o urso aceita. Assim, eles seguiram juntos.

Em um outro dia, quando estavam andando pelas ruas em busca de comidas e materiais para construção de um abrigo para eles, encontram um coelho mal

humorado que se chamava Cara-de-pau, que depois de contar toda a sua história também resolveu se juntar aos novos amigos e a partir daí eles começaram a construir um abrigo em um terreno baldio na praia, os mesmos compartilharam aventuras e dividiram o gosto pelo samba e a paixão pelo mar e o circo.

Na vez que eles resolveram ir a um espetáculo no circo se divertiram muito e nunca esqueceram da experiência que tiveram naquele lugar, depois de viver muito tempo nas ruas sem emprego, tendo que aproveitar o resto que era dos outros, eles decidem que era hora de melhorar de vida e que para isso acontecer eles precisavam de um emprego e começaram a pensar e discutir juntos quem poderia dar empregos para eles. Depois de muitas discussões, chegam a conclusão de que eles deveriam ir pedir emprego ao dono do circo, pois na vez que estiveram lá se encantaram pelo trabalho deles e decidem juntos ir ao circo. Chegando lá, contam toda a história ao dono do circo e suas condições de trabalhos, mostram o que sabem fazer de melhor, deixando assim o dono do circo encantado com o espetáculo que eles fazem. O dono do circo decide contratar os amigos deixando-os muito felizes e realizados.

Podemos afirmar que *Os colegas* é uma narrativa linda que fala de amizade verdadeira e que nos apresenta esses amigos fiéis e inseparáveis durante todo o seu enredo. O livro vem nos mostrar toda a trajetória desses amigos, os seus medos, paixões, decepções e alegrias. Os obstáculos que enfrentam só vão deixá-los mais fortes e confiantes, bem como certos de que nunca se deve desistir dos objetivos que acreditam e que devem sempre lutar juntos por seus ideais.

4.2 Sobre a presença do humor na narrativa

Segundo Albino (2007), o humor na literatura infantil, além de granjear a atenção do jovem leitor seduzido pelo prazer da comicidade, na maioria das vezes, reveste-se também de um papel crítico-reflexivo, manifestado pela inversão e subversão da ordem vigente. Isso ocorre porque distância crítica e desmistificação são, geralmente, indissociáveis do humor. Todos esses elementos nascem da ruptura, do contraste, da dissonância criada entre a imagem tradicional recebida e os efeitos incongruentes da nova situação a ser apresentada. De acordo com as colocações do autor, compreendemos que o humor é um elemento que provoca na criança o riso, a curiosidade, a imaginação, o brincar, como também o senso crítico, pois através de

obras cujos temas estejam relacionados a sua realidade, a criança tende a despertar o gosto e o interesse pela leitura.

Lobato (1947, p. 12) afirma que o “humor é a maneira imprevisível, certa e filosófica de ver as coisas”. Nesta perspectiva, o humor é um aspecto bastante vasto no universo infantil, pois tem por objetivo aumentar os conhecimentos linguísticos e comunicativos das crianças, proporcionando assim, cooperação e socialização. Com base nisso, podemos dizer que promove uma aprendizagem relevante sobre o universo lúdico as crianças, pois é fundamental que o lúdico esteja ligado à infância das crianças.

Sobre o universo da ludicidade, vale salientar o que Bergmann e Sassi (2007) abordam a esse respeito:

A ludicidade contribui significativamente para o aprendizado dentro de situações contextualizadas e significativas, e a arte de rir, o cômico, fez/faz com que esta forma prazerosa de aprender – e que torna as aulas com sabor de quero mais -, resgate e faça brotar o que de mais fascinante existe em todos nós e sobre tudo em nossos alunos: o sorriso e o humor (BERGMANN; SASSI, 2007, p. 201).

Depreendemos, assim, que o lúdico se apresenta fundamental para a aprendizagem das crianças, pois é um aspecto que incentiva a criatividade, fazendo com que as mesmas questionem o mundo que as cerca e a si mesmas. Partindo dessa premissa, se faz importante também que os professores desenvolvam aulas que tenham como objetivo principal trabalhar o universo lúdico em suas aulas, pois é algo que vai chamar a atenção das crianças como um todo.

Mais especificamente sobre o humor, consideramos que este tem a habilidade de ativar o senso crítico e a partir disso oferecer perspectivas diferentes para situações já conhecidas no contexto em que a criança está inserida. Sendo assim, o humor torna-se um aliado na aproximação das crianças com a leitura, conforme aponta Machado [2007?]:

O humor é um componente fundamental para que as crianças gostem de ler. Segundo ele, se as crianças não aprenderem a gostar de ler livro infantil, nunca lerão os livros de literatura para adultos (MACHADO, [2007?] apud BERGMANN; SASSI, 2007, p. 202).

De acordo com Abramovich (2009), existem autores com visível bom humor na nossa literatura infantil e juvenil, observe:

[...] Outros demonstram, numa ou noutra obra, capacidade de fazer rir, sorrir, gargalhar, perante um acontecimento. Outros têm uma boa ideia, outros conseguem uma grande sacada, outros colocam muita ironia e agudeza na boca dum dos personagens como contrabalanço pra seriedade geral etc, etc (ABRAMOVICH, 2009, p. 58).

A afirmação da autora nos leva a refletir que se o humor se faz importante para adultos, imagine para a criança, que está em fase de desenvolvimento cognitivo. O riso indicia descontração e alegria, além de possibilitar o fluir da imaginação, aspecto já discutido e tão necessário em obras voltadas a este público, afinal, como observa Caldin (2001 apud BEGMANN; SASSI, 2007, p. 202): “Há muita coisa além do que a visão alcança e só é possível chegar até elas pelas vias do imaginário”.

No caso das narrativas, o humor tende a se revelar, dentre outros aspectos, através dos personagens, mais precisamente quando mostram constantemente em suas atitudes o que é o humor expresso na alegria de viver e no modo de conduzirem suas vidas. É o que vamos perceber no livro *Os colegas*, pois mesmo diante de muitos obstáculos, a vontade de viver dos personagens é o que se sobressai e estes sempre acreditam que merecem o melhor. Neste sentido, a narrativa nos coloca diante de uma história cheia de otimismo, pois ressalta a ideia de que devemos cultivar boas amizades e destaca a necessidade de termos pessoas boas ao nosso lado.

O humor aparece de diversas formas na obra, que apresenta uma linguagem simples, descontraída, mas sobretudo pela forma como seus personagens são construídos e também pelas situações vivenciadas por cada um deles, confirmando o que Abramovich (2009, p. 44) coloca em relação a este aspecto de linguagem em narrativas infantis: “o humor presente em alguns livros parte de uma ideia engraçada, divertida, insólita”. Com base nessa afirmação, podemos dizer que o humor presente nas obras infantis está sempre associado a tudo que diverte, ou seja, que causa o riso. Nos deparamos com uma situação bastante divertida quando, por exemplo, Flor-de-lis explica para seus amigos Virinha e Latinha a sua irritação por ter que usar tantos objetos desnecessários para ela, sendo que ela é apenas uma cachorra e merecia viver livre de tudo aquilo que a incomodava, afinal, como observa Abramovich (2009), a irritação não merecia ter muitos espaços na vida dos personagens.

Vale lembrar que Flor-de-lis é uma cachorrinha que vivia em uma loja de cachorros até o dia que foi comprada por uma mulher muito rica que disse que queria uma cachorra de raça puríssima, que era para todo mundo achar linda. Foi ai que o

dono do local lhe apresentou Flor, que tinha todas as características exigidas por ela. A mulher, ao ver a cachorrinha, gostou e a levou para a sua nova casa. Flor-de-lis, a partir deste momento, deixou de ser livre e passou a ser a cachorrinha de luxo daquela mulher, pois a sua dona a enfeitava com inúmeros objetos, que dessa forma parecia mais um ser humano.

Depois de muito tempo vivendo da maneira como a sua dona determinava, Flor-de-lis consegue fugir de sua dona e passa a morar nas ruas, onde ela conhece os seus novos amigos, os quais lhe entendem por fazerem parte do seu mesmo contexto. Portanto, a personagem acaba conquistando a sua tão sonhada liberdade de viver como todos os outros animais viviam. E essa liberdade era bastante significativa para ela, porque a partir daquele momento não precisaria mais usar tudo o que a sua dona queria e determinava. Vejamos um dos momentos que consideramos bastante cômico:

- É esse perfume que me faz espirrar assim, eu não aguento! E também não aguento mais essas pulseiras que me apertam as patas, esse casaco que me esquenta, esse laço de fita que me pinica, essa coleira que me sufoca! – E enquanto espirrava e desabafava, ia arrebatando as pulseiras, arrancando a fita, estraçalhando o veludo do casaco e lutando até se livrar da coleira (NUNES, 2021, p. 17).

A irritação de Flor-de-lis provoca o riso, a graça, pois a personagem era obrigada a usar tantos objetos que não tinham nada a ver com a realidade dela, por ser uma cachorra, como evidência este outro fragmento:

Vivia me enchendo de talco e pó-de-arroz, me levava pra tomar parte em concurso de beleza, e hoje, vê se pode, disse que ia furar minhas orelhas pra botar brinco, e isso eu nunca vi cachorro usar. Então eu pensei: ‘puxa vida, quem sabe esse tempo todo eu tô achando que sou cachorro, mas eu não sou cachorro?...’ Foi aí que eu comecei achar que estava ficando meio birutinha e me apavorei (NUNES, 2021, p. 19-20).

A reflexão existencial de Flor-de-lis não provoca tensão no enredo, pelo contrário, tende a divertir o leitor, que se deleita e se surpreende diante do animal que é tratado como gente: “esse tempo todo eu tô achando que sou cachorro, mas eu não sou cachorro?”. Em seguida, quando afirma achar que “estava ficando meio birutinha”, temos uma imagem no mínimo engraçada. O cômico advém do fato da contradição da fala vir de um animal e não de um ser humano, afinal, quem costuma “ficar biruta”

são os seres racionais. Vale destacar ainda a crítica social que é feita através do exagero com que a dona de Flor-de-lis lhe trata.

Outra situação cômica bastante divertida se dá com Cara-de-pau, o coelho que foi perdido nas ruas pela sua família, num dia em que todos foram a um passeio na cidade realizar compras. Quando chegaram numa praça pediram para que Cara-de-pau fosse comprar couve, mas ele se recusou a ir porque tinha muito medo de se perder. Então a família falou que eles iam e que Cara-de-pau ficasse esperando eles voltarem na praça. Assim ele fez, ficou lá por horas, mas ninguém voltava para te buscar, foi aí que ele percebeu que estava perdido.

Depois de muito tempo de espera, percebeu que ninguém vinha mais lhe buscar. Sai então pelas ruas muito triste, pois se encontrava sozinho, já que não tinha mais a sua família e nem amigos. Depois de muito caminhar ele chega no terreno baldio e fica lá até que aparece Virinha, Latinha, Flor-de-lis e Voz de cristal, que logo pergunta pra ele o que aconteceu para ele estar tão mal humorado. Depois de muitos questionamentos ele explica toda a sua história a seus novos amigos que o convidam para morar com eles. Mas o que nos chama a atenção neste encontro de Cara-de-Pau é o seu mal humor, pois identificamos neste momento mais um indício da irritação a que se refere Abramovich (2009), quando afirma que o mau-humor está associado ao sofrimento e consequências vivenciadas por situações desconfortáveis. É o que ocorre com o personagem em questão, veja:

- É bom pra quem não foi perdido que nem eu. Olharam pro lado e viram um coelho com uma cara fechadíssima, encolhido atrás de umas garrafas vazias. Rodearam ele, e Flor, já preocupada, quis logo saber:
- Você se perdeu?
- Eu não me perdi, não. Me perderam, sabe como é?
- Mas ninguém sabia.
- Explica melhor – pediu Voz de Cristal.
- Bom, o negócio foi o seguinte: a gente saiu da roça e veio dar um passeio aqui na cidade.
- A gente quem?
- Meu tio, minha tia, meu primo e eu. Eu agarrava a mão do meu primo com medo de me perder e ele dizia ‘me solta’. Eu me agarrava na minha tia com medo de me perder e ela dizia ‘me larga, menino!’. Eu me agarrava no meu tio com medo de me perder e ele se soltava dizendo que homem tem aprender a viver sozinho.
- E depois, no fim do dia, eles me disseram ‘vai lá comprar um bocado de couve enquanto a gente fica descansando aqui na praça’. Mas eu disse que não ia porque tinha medo de me perder. Foi quando eles disseram ‘bom, então vamos nós, e você fica aqui pra não se perder’ (NUNES, 2021, p. 25-26).

Mais adiante, identificamos o fragmento em que este personagem, juntamente com os seus amigos, vivem momentos de sustos em relação a uma carrocinha que pegava os animais que viviam soltos nas ruas, mas eles não queriam ser pegos, pois eram felizes vivendo da forma como viviam e se fossem pegos pela carrocinha perderiam a liberdade.

Sentaram no meio-fio e dormiram logo. Só Cara-de-pau ficou acordado: quando estava cansado demais não conseguia pegar no sono. E se não fosse por isso não ia ver. Mas viu quando chegou. Grande. De meter medo. E o coelho ficou tão apavorado que quis avisar os amigos e a voz nem saiu. Então, tremendo como vara verde, pegou o apito e apitou com toda a força:

- Prrrrrrrrrrrrrr!

A turma acordou e olhou espantada pra ele. Cara-de-pau só conseguia apontar. Eles seguiram o gesto e viram o caminhão chegando sem saber ainda muito bem se estava sonhando ou acordado, Virinha gritou:

- A carrocinha!

Apavorada, Flor repetiu:

- A carrocinha! [...] (NUNES, 2021, p. 47).

Neste episódio podemos ver a presença do humor muito ligado ao medo/susto vivenciado pelos personagens em relação a esta carrocinha que pegava os animais e levava para viverem presos sem nenhum direito à liberdade. Em relação a isso, atentamos ao que afirma Colasanti (2006 apud ABRAMOVICH, 2009, p. 124): “medo dos silêncios imensos que acabam abafando o grito [...]”. O medo dos personagens (de perder a liberdade) põe em destaque mais uma situação humana experimentada pelos animais, contradição que revela o cômico na narrativa. Vale destacar ainda a onomatopéia que o apito de Cara-de-pau em meio a toda essa circunstância. O “Prrrrrrrrrrrrrr!” soa como uma espécie de extravasamento de toda tensão e medo que tomam conta dos colegas, provocando surpresa e tornando engraçada toda aquela tensão.

A ideia de Flor-de-lis em relação a roupa que Voz de cristal vai usar para ir até onde seus amigos Virinha e Latinha estão desde que foram pegos pela carrocinha também merece destaque:

- O jeito é fazer uma roupa de mulher toda de jornal. Jornal é o que não falta nas latas de lixo.

Toparam. Levaram um monte de jornais pro barraco. [...]

E enquanto Flor cortava, Cara-de-pau e Voz de Cristal colavam (NUNES, 2021, p. 57).

A ideia de vestir Voz de Cristal de mulher é inusitada e, por isso, divertida. Além disso, não podemos negar a criatividade da personagem ao produzir uma roupa a

partir de jornais. Segundo Abramovich (2009), essas ideias engraçadas têm o objetivo de divertir o pequeno leitor, geralmente por ser um aspecto que estimula o seu pensar e como já foi dito, em alguns momentos anteriores, tudo que mexe com a imaginação da criança tende a ser do seu interesse.

Quando a roupa de jornal de Voz de Cristal começa a se desfazer, identificamos outro momento narrativo bastante divertido. Observe:

Voz de Cristal tentava salvar o que restava da saia, mas já a blusa se desfazia, uma das mangas caía, a outra ele procurava segurar, e tentando segurar a blusa ele perdia o resto da saia. 'Ai, ai, ai!', gemia cada vez mais alto em pensamento. Desatou a correr (NUNES, 2021, p. 61).

Os gemidos de Voz de Cristal, que em seguida desata a correr configuram um momento bastante divertido, que somado a imagem da roupa se desmanchando vem intensificar o caráter cômico da narrativa. As interjeições "Ai, ai, ai", numa gradação, reiteram essa comicidade.

Quando Cara-de-pau se encontra sozinho outra vez no barraco a noite, identificamos outro momento de medo que distrai o leitor. A voz estranha que o assusta dizendo coisas que o cismam chega a paralisá-lo:

Não adiantou nada: a noite começou a botar dentro da cabeça dele uma porção de coisas. Disse que a turma nunca mais ia voltar, que ele ia ficar sozinho pra sempre, que não ia mais ter dia de sol, que o mar ia secar, o carnaval acabar e a areia da praia ficar toda preta (NUNES, 2021, p. 84).

A imagem de pânico que começa a desenhar por meio da descrição daquilo que o personagem poderia perder surpreende o leitor e essa surpresa revela o cômico no texto. A cara de espanto de Cara-de-pau nos remete para aquelas situações em que depois de um grande susto o riso é uma forma de extravasar o medo.

Mas ainda mais engraçado é o momento em que Cara-de-pau engole um apito e esse objeto apita dentro dele cada vez que ele respira e isso o incomoda bastante, porque seus amigos ficam de zoação com a cara dele. Cada vez que a cena acontece eles caem na gargalhada e se divertem muito com isso, mas Cara-de-pau não vê graça nenhuma nessa situação, observe:

O dono do circo rolava de rir. Virinha e Flor começaram a rir também. Só Cara-de-pau não achava a menor graça e estava mais sério do que nunca: tinha compreendido que ia ter pro resto da vida um suspiro apitado, e sabia muito bem que suspiro apitado é coisa que ninguém leva a sério (NUNES, 2021, p. 128-129).

Nos deparamos outra vez com uma imagem bastante divertida: o suspiro apitado do personagem. Veja que a autora nos coloca diante de uma situação bastante fantasiosa, inventiva, traço, aliás, bastante recorrente na narrativa de Lygia Bojunga Nunes. Ao criar situações fantasiosas como esta, a autora demonstra dialogar com o imaginário infantil, o qual possibilita à criança recriar situações do cotidiano através da fantasia e, dessa forma, se socializar. Na realidade um apito não pode alterar a respiração de alguém que engole este objeto, mas a autora nos coloca essa possibilidade. Ou seja, a linguagem literária nos permite vivenciar esta experiência.

O jogo entre o real e o imaginário diverte e nos motiva a sonhar. Impossível não ficar pensando na respiração apitada. Impossível não se divertir com essa possibilidade. E quantas possibilidades a autora nos apresenta nesta narrativa, cuja aventura narrada nos remete para a afirmação de Abramovich (2009, p. 59): “Cada livro, uma aventura... Cada aventura, uma aventura.” E é isso que os livros infantis devem proporcionar às crianças uma aventura a mundos mágicos que só existem dentro do contexto de determinadas leituras e no mundo de imaginação dos leitores infantis.

Finalizamos este tópico destacando a importância no humor na narrativa voltada a criança:

Essa mistura fantástica, maravilhosa, de realidade e fantasia, de brincadeira vivida e escutada, de bichos que falam sabiamente, de sabugos que fazem conferências e experimentos científicos, é mais do que surpreendente ou humorada... é a própria essência do humor (ABRAMOVICH, 2009, p. 59).

A seguir, fazemos algumas considerações acerca da presença da música que se faz presente na narrativa em análise.

4.3 A importância da música para a construção do enredo de *Os Colegas*

Segundo Gomes (2019), a música é uma manifestação artística fundamental na educação das crianças, porque atende vários objetivos, como, por exemplo, a formação dos hábitos, atitudes e componentes, afinal, desde muito pequena a criança manifesta interesse por essa arte. De um modo geral, podemos dizer que as atividades musicais tem a capacidade de promover o desenvolvimento psicomotor,

linguístico, entre tantos outros fatores que contribuem para o processo de aprendizagem dos pequenos ouvintes.

Vale lembrar que quando é introduzida no contexto escolar, a música acompanha a experiência da criança, sendo esta a primeira experiência poética que traz para a sala de aula. Deste modo, a escola acerta quando faz o aproveitamento desta experiência no ambiente escolar, favorecendo o lúdico em sala de aula.

A respeito do poder que a música tem no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança, Weigel (1988) afirma:

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação (WEIGEL, 1988 apud GOMES, 2019, p. 15).

Desta maneira, a música especificamente na educação infantil, propõe-se uma forma de ensinar, visto que, favorece na melhoria da autoestima, da socialização, como também do desenvolvimento adequado do gosto e do senso musical das crianças que estão inseridas nesta fase.

Vale ressaltar que a música nos tempos atuais é vista como uma das mais importantes formas de comunicação entre o universo infantil, pelo motivo que existe muitas possibilidades de abordar a música como ferramenta na fase do desenvolvimento das crianças pelos inúmeros benefícios que elas oferecem para a aprendizagem em sala de aula, ou seja, através da música a criança cria estímulos e desenvolve a sua criatividade de forma mais contextualizada, adquirindo conhecimentos que serão favoráveis ao seu crescimento. Daí sua necessidade no ambiente escolar.

Estudos revelam que a aprendizagem adquirida com a música engloba práticas e reflexões que promovem conscientização em relação aos níveis de conhecimento mais elaborados conquistado pelas crianças, sendo notório que as crianças que tem o contato diariamente com a música desenvolvem uma melhor convivência com outras crianças e estabelece, assim, uma comunicação mais agradável com outras pessoas, porque a música tem o poder de tornar a criança feliz e realizada no contexto em que vive.

Partindo dessa constatação, podemos dizer que Lygia Bojunga Nunes demonstra ter essa compreensão quando valoriza a música em suas obras, como se

evidência, por exemplo, na narrativa *Os colegas*. O primeiro episódio do livro ocorre quando Virinha e Latinha se conhecem nas ruas e começam a fazer uma confusão por um osso. Depois de muitas discussões, os dois param, começam a conversar e percebem que eles têm alguns gostos em comum, como por exemplo, o gosto pelo futebol, pela praia e pela música. Foi nesse momento que eles viram que um gostava mais de bolar a letra enquanto que o outro fazia a música, e foi assim que eles fizeram o primeiro samba em parceria: O samba era o estilo musical que eles mais gostavam. Observemos então a primeira composição dos dois:

Vida, acho você a maior
Quanto mais penso em você
Mais eu vejo que te gosto
E que não tem coisa melhor (NUNES, 2021, p. 14).

Os amigos Virinha e Latinha criaram essa composição musical como forma de comemorar a amizade que surgia entre eles e ao fazerem isto saíram por toda a praia cantando, a fim de que todo mundo pudesse ouvir. Muitos ao ouvir gostavam da música e queriam saber de quem era a letra. Eles respondiam, com satisfação, que era deles dois.

Outro momento em que a música se faz presente na história acontece no capítulo III, que tem como título “A grande farra”. O episódio ocorre quando Cara-de-pau e Latinha começam a tocar instrumentos musicais na rua, chamando assim a atenção de todos que estavam presentes.

Enquanto isso, Cara-de-pau batia tamborim com um ritmo de enlouquecer. E como se fosse pouco, ainda apitava marcando as paradas do samba. Latinha, que tinha se especializado no pandeiro, nessa hora fazia de tudo: jogava o pandeiro pro alto, batucava nele com as patas, batucava com o focinho, batucava dando cambalhotas, batucava de qualquer jeito que pedissem (NUNES, 2021, p. 44-45).

Neste momento reparamos como os personagens se divertem ao se apresentarem com os instrumentos musicais e a música tocada e sentida pelos personagens contagia o leitor, que se diverte com a farra proporcionada por eles.

No episódio que tem como tema “A bolação da Flor”, temos outro momento em que a música comparece no texto em análise. Tudo começou quando Flor bolou um plano em que pudesse salvar os seus amigos Virinha e Latinha que estavam presos. Mas Flor acabou sendo presa. Essa era, aliás, a intenção dela, que via na sua prisão

a forma de ajudar os amigos. Depois de algum tempo chega sua dona e assim pede para os guardas irem buscar a sua cachorrinha. Flor, ao ver sua dona, tenta explicar toda a história de seus dois amigos, mas a tentativa é em vão, porque ninguém entende nada do que ela fala devido a rouquidão que está.

Ao perceber que todo o seu plano não ia dar em nada começou a chorar de desespero, porque ela sabia que a dona iria levá-la para casa e assim ficaria mais difícil ajudar seus amigos. Então, nesse momento de desespero, ela lembra de um dos sambas de Virinha e Latinha que foi escrito num português um pouco “errado”:

Tudo na vida tem jeito, meu compadre
Só sê inguinorante é que num dá pé
Num só a gente vive naquele vinagre
Como só pode fazê o que os outros qué (NUNES, 2021, p. 79).

Ao tomar consciência da letra do samba, Flor se dá conta de que tinha que ir embora com sua dona e entende que tem que agir conforme a música, ou seja, se conformar. Percebemos que toda vez que algo não saia como eles imaginavam, recorriam a música para amenizar a frustração deles. Desse modo, podemos dizer que a música cumpre uma função social na história, conforme ocorre na vida real.

No capítulo X, que tem como título “Corrente de prata é bacana de se usar?”, identificamos mais uma presença da música. O episódio ocorre quando Cara-de-pau vai na feira atrás de restos de alimentos, quando de repente vê Flor passeando pela rua, próximo a casa em que ela está morando com a sua dona. Ao saber, todos ficam contentes e com vontade de também ver a Flor por um momento. Como eles não iam aguentar ficar só na vontade, resolveram ir lá pra rua onde Flor costumava passear, na esperança de ver ela por um instante.

Os amigos ficaram lá por várias horas, até que uma hora Flor aparece e é neste momento que eles decidem compor uma música em homenagem a amiga Flor-de-lis:

Andaram dizendo por aí:
‘Corrente de prata é bacana de se usar’
Mas há muito tempo já compreendi
Que seja de prata, seja de lata,
Corrente só serve pra chatear (NUNES, 2021, p. 105).

As letras das músicas que compõem são sempre fruto das experiências vividas pelos personagens, ou seja, tinham a ver com as situações enfrentadas por eles. Nesta composição, percebemos a crítica as pessoas que querem que os animais

usem bijuterias como se fossem seres humanos. Ao evidenciar a crítica social a música cumpre mais uma vez uma de suas funções sociais, além de agregar valor ao texto de Bojunga, sugerindo reflexão ao leitor em formação, que, em contato com a obra, tende a ampliar sua experiência de mundo, expandindo, assim, seus horizontes.

4.4 Poesia e narrativa

Segundo Aguiar (2001, p. 109), “a poesia infantil, assim como as narrativas escritas para crianças, tem sua origem na tradição popular, no hábito de fazer versos e rimas que os povos primitivos tão bem cultivaram”. Essa rica tradição popular tem se mantido rica entre os povos, agradando crianças e adultos. Diante de uma manifestação poética, podemos nos encantar com uma imagem, um ritmo ou arranjo sonoro que tende a tocar nossa sensibilidade, nossa emoção. Por isso o poético se faz importante entre nós, inclusive no contexto escolar, espaço em que para muitas crianças pode configurar o único ambiente em que tem a oportunidade de conviver com a poesia.

Obviamente que quando pensada para o público infantil, a poesia deve considerar as especificidades do ser criança, levando em consideração as particularidades de seu destinatário, passando, assim como ocorre com a narrativa, pelo viés da fantasia, do imaginário infantil. Além disso, cabe lembrar que o ritmo presente na poesia é visto como um auxiliar para a memória, conforme nos lembra Aguiar (2001). Segundo a autora, o uso de imagens simples na poesia favorece a elaboração da síntese dos sentidos presentes no poema. O uso da linguagem é feito de modo que observamos as suas estruturas enunciativa, sintáticas, léxico-semânticas, fônicas, rítmico-melódicas e gráficas. A poesia nos põe em contato com uma construção complexa que se coloca a serviço da sensibilidade dos leitores, mesmo aqueles em formação, devendo estar a serviço da vivência do lúdico em sala de aula, a exemplo da música e de outras manifestações artísticas.

O trabalho com a poesia, portanto, requer cuidado, atenção, sobretudo com o ambiente em que é trabalhada, como nos lembra Pinheiro (2007), que apresenta algumas condições indispensáveis para o trabalho com a poesia em sala de aula:

Ir ao pátio da escola para ler uma pequena antologia, pôr uma música de fundo enquanto se lê, são procedimentos que ajudam na conquista do leitor. São portanto, condições que, se dispensadas, poderão debilitar uma experiência que poderia ser mais rica, mais significativa. Improvisar um mural onde os alunos, durante uma semana, um mês, ou um ano todo colocam os

versos de que mais gostam: incentivá-los a recitarem livremente poemas que conhecem – de qualquer época ou autor – são procedimentos que vão criando um ambiente (físico e psicológico) em que a poesia começa a ser vivenciada, em que o prazer de lê-la passa a tomar forma (PINHEIRO, 2007, p. 28).

O trabalho de formação de leitores com a poesia passa também pela necessidade de termos professores leitores do texto poético. Essa é outra exigência que Pinheiro nos coloca. Ou seja, é imprescindível que os professores tenham um domínio com texto poético para que assim possam realizar de maneira adequada a leitura desses textos para as crianças, procurando sempre promover leituras compartilhadas para que haja uma familiaridade entre o leitor com o poema lido. Deste modo, o professor precisa atuar como mediador no processo de desenvolvimento das aulas de literatura.

Evidenciada, mesmo que rapidamente, a importância da poesia na formação de leitores, passemos a identificar a presença do gênero na narrativa *Os colegas*. Lembrando que poesia, conforme observa Coelho (2000, p. 222), “não é só palavra... Poesia é também imagem e som. As palavras são signos que expressam emoções, sensações, ideias...através de imagens (símbolos, metáfora, alegorias...) e de sonoridade (rimas e ritmos...)”.

No capítulo II de *Os colegas* temos o episódio em que os personagens estão em discussão a respeito de qual fantasia vão usar nos dias de carnaval. As primeiras ideias são de se fantasiar de bebê e pirata, mas quase ninguém concordou. Depois de muito tempo de discussões para decidirem esta fantasia, Virinha teve a ideia de se fantasiarem de palhaço e, nesse momento, todos sorriram e concordaram.

A partir daí cada grupo saiu em busca de objetos para a criação dessas fantasias carnavalescas. Virinha e Latinha resolveram trabalhar juntos e foram revirar latas de lixo pra verem se achava algo legal que pudesse usar nessas fantasias e assim começou todo o processo de procurar. Latinha firmava a lata, para que seu amigo Latinha fuçar lá dentro e conforme ele fosse achando algo interessante, ia gritando o nome dos objetos ao seu companheiro. Vejamos a seguir o momento:

-Achei umas bolas de pingue-pongue furadas!
 -Achei umas escovas de dente velhas!
 -Achei barbantes!
 -Achei umas penas de galinha!
 -Achei bola de gude!
 -Achei caixa de sapato vazia!
 Tudo servia.

-Achei um pedaço de linha!
 -Achei um apito!
 -Achei um sapato sem sola, um paletó sem manga e uma calça sem perna!
 Encontramos tudo isso e ainda, de quebra, uma lata de salsichas que devia ter ido fora por engano (NUNES, 2021, p. 36).

Observe que a própria distribuição das falas dos personagens (uma linha abaixo da outra, lembrando versos) remete para a construção do texto poético, que é reiterado pelas palavras cuja sonoridade evidenciam assonâncias e aliterações que se somam ao jogo de palavras como “paletó sem manga” e “calça sem perna”.

No capítulo III, que tem como título “A grande farra”, temos a narração do seguinte episódio: os amigos estão na rua e começam a se apresentar chamando assim a atenção do público, pois eles tocavam instrumentos muito bem. O momento a seguir é a hora que Voz-de-Cristal se apresenta de uma maneira muito linda e cheia de emoções, observe:

Voz-de-Cristal, com toda aquela força que tinha, e mais um entusiasmo enorme, fazia a cuíca roncar como nunca ninguém tinha feito: rom-rom-rom, rom-rom-rom, rom-rom-rom (e às vezes roncava tão bonito que ele se comovia e chorava) (NUNES, 2021, p. 44).

É importante destacar que este é um momento cheio de emoções para o personagem, porque ele está fazendo o que gosta e todos os que estão presentes estão gostando da sua apresentação. Isso o deixa feliz e realizado. A emoção do personagem é reforçada pela onomatopeia, elemento poético que intensifica o sentimento de realização de Voz-de-Cristal, que contagia o leitor ao extravasar seu sentimento, provocando, desse modo, a emoção do leitor.

Já no capítulo VI, que tem como título “É tempo de aflição”, quando Flor tem um sonho que Voz-de-cristal acabou sendo preso, ela acorda assustada, querendo ir até a prisão pra ver o que realmente aconteceu. Decidida que não vai ficar esperando, resolve ir atrás de informações juntamente com Cara-de-pau:

-Tive um sonho com cara de verdade. Sonhei que Voz de Cristal foi preso e que levaram ele de volta pro Zoo.
 Cara-de-pau se apavorou:
 -Não pode ser!
 -Vamos até lá ver se é verdade?
 -Aonde?
 -No Jardim Zoológico, ué.
 -Mas agora de madrugada tá tudo fechado.
 -A gente precisa saber o que que tá acontecendo.
 -É melhor esperar o temporal passar.
 - Não espero mais nada. Se você quiser, fica, mas eu vou.

Empurrou a porta e saiu correndo.
A chuva e cara-de-pau saíram atrás (NUNES, 2021, p. 63-64).

A imagem da chuva acompanhando a saída de Cara-de-pau é de uma poeticidade que encanta e contagia a alma dos leitores, provocando a sensibilidade e mobilizando sentimentos de amizade e empatia, tão raros nos dias de hoje.

Outro exemplo de imagem poética se verifica no capítulo IX: tudo começa quando Cara-de-pau vai atrás de uns antigos amigos que moravam no mesmo lugar que ele vivia antes. Chegando lá ele conta o que o trouxe até eles: “é o seguinte quero que vocês venham comigo até a cidade pra cavar um túnel para salvar dois amigos que estão presos”. Os tatuzinhos Garcia ficaram surpresos com esse pedido pelo fato que poderia não dar certo essa ideia. Depois de algum tempo em silêncio eles dão a resposta que tanto Cara-de-pau queria ouvir. Felizes com o plano, vão para a praia para começarem o trabalho de cavar o túnel até a prisão. Sabem que não é fácil, mas não desistem de ajudar o amigo que está precisando. A seguir podemos observar todo o discurso dos tatuzinhos em torno desta ideia:

-Não vai ser mole! – disseram os Garcias assim que chegaram na praia e estudaram o terreno. Olhavam da prisão pra praia, da praia pra prisão. Era um longo caminho.
-Imaginem se a gente cava tudo isso e Virinha e Latinha não estão mais lá – disse um deles.
Cara-de-pau foi logo ficando nervoso:
-Estão, sim! O João Carlos de Oliveira Brito ontem mesmo passou lá e viu os dois atrás das grades daquela última janela.
-Então a gente tem que cavar naquela direção – disse um.
-Mas se vamos cavar é melhor começar de uma vez – resolveu o segundo.
-É – concordaram os outros.
Arregaçaram as mangas da camisa, se despediram de Cara-de-pau e, enfileirados, meteram as caras no túnel (NUNES, 2021, p. 93-94).

Essa frase final, “enfileirados, meteram as caras no túnel”, tem grande efeito poético, principalmente quando se observa o teor de empatia e exaltação da amizade que o episódio narra. Consideramos este momento como um grande exemplo de lirismo marcando o texto, porque nos permite mergulhar no sentimento dos personagens e “meter a cara”, junto com eles, no túnel, em busca do amigo.

A poesia segue se fazendo presente na narrativa através dos sambas que os “colegas” criam, como capítulo XIII, que tem como título “A estreia”. O momento é quando eles conseguem um trabalho no circo e chegam o dia deles se apresentar. A euforia e o nervosismos tomam conta deles e tanto que vão à praia o lugar que eles mais gostam pra relaxarem um pouco. Quando chega a hora da apresentação todos

ficam felizes com o resultado, pois o público tinha gostado do espetáculo, que fazia até fila para cumprimentarem e dar os parabéns pela excelente atuação. Passado este momento, todos vão descansar, enquanto Latinha, ainda sem acreditar em tudo que estava vivendo com os amigos, cria um sambinha novo, que faz muita referência à poesia.

Hoje quero contar pro povo
Este sentimento novo
Que nasceu dentro de mim...
Mas o sono não deixou que ele acabasse de contar; dormiu (NUNES, 2021, p. 138-139).

As rimas do samba demonstram o quanto a poesia se aproxima da música, numa relação de semelhança e musicalidade. O jogo sonoro é o que possibilita o leitor da poesia, afinal, conforme já afirmamos, a música constitui uma das primeiras expressões poéticas que a criança costuma, inclusive, levar para a escola. A poesia, comparece na narrativa, dando leveza ao texto, tornando poética a narrativa, agregando valor à obra de Bojunga. Esta, ao valorizar a poesia em sua produção, possibilita ao leitor um modo de ver o mundo e um caminho para a autodescoberta. Deste modo, a Literatura tende a cumprir sua função social, emancipando o homem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs-se analisar a narrativa *Os colegas* de Lygia Bojunga Nunes, buscando identificar de que maneira a presença do humor, da música e da poesia se fizeram presentes na história. Para tanto, nos propusemos apresentar aspectos da vida de Lygia Bojunga Nunes, num primeiro momento, seguida da reflexão em torno das especificidades da narrativa para crianças. Por fim, no último momento do trabalho, desenvolvemos a análise propriamente dita da narrativa, centrando-nos no enredo da história contada.

Conforme mostramos, através dos destaques de vários fragmentos da narrativa, o humor, a música e a poesia são constantes ao longo do enredo e, ao nosso ver, esses elementos se colocam a disposição do lúdico na narrativa, agregando valor ao texto de Lygia Bojunga Nunes. Interessante observar que essas manifestações se fazem presentes em momentos importantes da experiência dos personagens. Ora a música celebra a amizade entre eles, sendo reforçada pela poesia que coroa as conquistas deles ou serve de pano de fundo para partilharem seus medos, suas angústias. Mas o mais importante é que essas manifestações se fazem necessárias, porque funcionam como forma de extravasarem seus sentimentos.

Bojunga demonstra fazer um bom aproveitamento da poesia em sua obra, que, aliás, se faz recorrente em várias outras narrativas. A música, muito próxima da poesia, também é outra constante e o humor costuma dá leveza aos seus textos. Desse modo, concluímos que estes elementos constituem fortes ingredientes em sua obra, que tende a agradar não apenas ao público infantil, mas o adulto também, porque dão ludicidade ao enredo, o que faz da autora uma escritora afinada com o universo infantil, reconhecida internacionalmente pela capacidade de equilibrar a realidade com a imaginação e, dessa forma, conquistar a adesão do seu leitor.

Diante da leitura de obras como *Os colegas*, estamos cada vez mais convictos de que as crianças tendem a se agradar por histórias que são marcadas por aventuras e cheia de momentos cômicos, aspecto que seduz e diverte a criança. Considerando este e os demais aspectos levantados nesta análise, defendemos e sugerimos a leitura e a apreciação da obra de Lygia Bojunga Nunes em sala de aula.

A identificação do humor, da música e da poesia na narrativa *Os colegas*, conforme evidenciou a análise realizada, aponta um caminho de leitura viável da obra. Nesta perspectiva, podemos dizer que este estudo vem se somar aos vários trabalhos

voltados para a obra de Lygia Bojunga Nunes. Sendo assim, entendemos que esta pesquisa acrescenta e pode contribuir para os estudos em Literatura.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- AGUIAR, Vera Teixeira (org.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- ALBINO, Lia Cupertino Duarte. A função desempenhada pelo humor na Literatura Infanto-Juvenil. *In*: CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, 16., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ALB, 2007. p. 1-6. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss13_06.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.
- BERGMANN, Leila Mury; SASSI, Renata Gonçalves. O humor na literatura infantil. **Educação Unisinos**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 200-205, 2007. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5723>. Acesso em: 23 set. 2022.
- CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CRISTÓFANO, Sirlene de Lima Corrêa. **O itinerário simbólico em a Bolsa Amarela de Lygia Bojunga: Fantasiar para incluir**. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20377>. Acesso em: 20 set. 2022.
- CUNHA, Maria Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GOMES, Francisca Nilma Saraiva. **O lúdico na sala de aula: o trabalho com a música na educação infantil**. 2019. 25 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, PB, 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/20044>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- HELD, Jaqueline. **O imaginário do poder: as crianças e a literatura fantásticas**. São Paulo: Summus, 1980.
- LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: brasiliense, 1947.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NUNES, Lygia Bojunga. **Os colegas**. 54. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2021.

OLIVEIRA, Ana Beatriz Batista de. **O simbolismo da linguagem na obra de Lygia Bojunga Nunes**: Leitura de A bolsa amarela. 2019. 43 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, PB, 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/21653>. Acesso em: 14 set. 2022.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande, PB: Bagagem, 2007.

SOUZA, Renata Junqueira. **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.